

DISCUTINDO OS MODELOS EDUCACIONAIS EM EAD NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNESP DE BAURU SP: POSSIBILIDADES PARA REVISÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Thaís Cristina Rodrigues Tezani (UNESP – Faculdade de Ciências – thaistezani@yahoo.com.br)

Grupo Temático 5. *Qualidade na EaD e o desenvolvimento do conhecimento*

Subgrupo 5.2 *Planejamento educacional, currículo e avaliação: (re)pensando propostas pedagógicas*

Resumo:

Nossa proposta é apresentar considerações e discussões acerca dos modelos educacionais da EaD presentes na prática cotidiana dos docentes do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru. A pesquisa teve como objetivo identificar quais modelos educacionais da EaD são usados pelos docentes. Foram etapas do trabalho: 1) revisão da literatura sobre educação à distância, modelos educacionais e formação de professores; 2) estudo dos documentos oficiais do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru; 3) análise das avaliações das disciplinas; 4) descrição e categorização dos dados; 5) análise e interpretação dos resultados. Concluímos, que diante dos modelos de EaD existentes, podemos afirmar que os docentes utiliza-se dessa modalidade, mesmo sem ter essa consciência e que a reestruturação do curso é necessária e pertinente.

Palavras-chave: *modelos educacionais; EaD; Pedagogia.*

Abstract:

Our proposal is to present considerations and discussions about E-learning educational models present in the everyday practice of the professors of the course of pedagogy of UNESP Bauru. The research aimed to identify which E-learning educational models are used by teachers. Were job steps: 1) review of the literature on distance education teacher training and educational models; 2) study of official documents of the Pedagogy course of UNESP Bauru; 3) analysis of evaluations of disciplines; 4) description and categorization of data; 5) analysis and interpretation of results. We conclude that in front of EaD templates exist, we can say that the teachers use this mode without even having this awareness and that the restructuring of course is necessary and pertinent.

Keywords: *Educational models. EaD. Pedagogy.*

1. Introdução

De fato, mais do que a mera aquisição de saberes, a sociedade em que hoje vivemos exige de cada cidadão o desenvolvimento de um conjunto de competências essenciais, nomeadamente a de adaptação à mudança, sendo isso particularmente relevante para todos os que desempenham já uma atividade profissional concreta, qualquer que ela seja (COSTA e FRADÃO, 2012, p. 27).

Identificamos enquanto coordenação de curso de Pedagogia na UNESP de Bauru, durante 2010/2014 que a questão dos modelos educacionais da EaD precisam ser analisados e discutidos, pois diante do processo de articulação e reestruturação curricular dos cursos de

Pedagogia realizado a pedido da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, com o objetivo de desencadear ações que levem à constituição de organizações curriculares semelhantes para os cursos de mesma nomenclatura, surgiram algumas inquietações.

Os documentos estudados apontaram que, embora todos os cursos obedeçam à mesma legislação, a organização curricular de cada um apresenta singularidades. Porém, a proposta de articulação dos cursos, no caso da Pedagogia, ficou restrita a alguns encontros entre os coordenadores de curso e perdeu força com as discussões e encaminhamentos referentes às Deliberações nº. 111/2012 e nº 126/2014 do Conselho Estadual de Educação, que provocará em breve reestruturações curriculares em todos os cursos de licenciatura das Universidades Estaduais públicas do Estado de São Paulo (UNESP, USP, UNICAMP).

Assim, diante das discussões sobre a reestruturação curricular da Pedagogia da UNESP de Bauru houve um movimento entre a maioria dos docentes de resistência à EaD, suscitando assim indicativos para pesquisa sobre os modelos educacionais da EaD na prática docente no referido curso, o qual é presencial.

Com a finalidade de responder algumas dessas perguntas que surgiram nas reuniões para reestruturação do curso, apresentamos como objetivos: estudar os documentos oficiais do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru (Projeto Pedagógico de Curso e Atas das Reuniões de Conselho de Curso), identificando os vários modelos educacionais da EaD utilizados pelos docentes na sua prática cotidiana; levantar dados sobre as possibilidades da EaD na formação de professores; verificar os modelos educacionais da EaD nesse curso de Pedagogia em específico.

Nossa pretensão é produzir informações que possam contribuir para produção de dados sobre o curso de Pedagogia da UNESP de Bauru; iniciar discussões sobre os modelos educacionais da EaD na formação inicial de professores; fornecer dados para futuras pesquisas e produção científica na área; promover reflexões sobre a articulação da EaD ao currículo dos cursos de Pedagogia; discutir a possibilidade de uso da EaD num curso de Pedagogia presencial.

Cabe ressaltar que a pesquisa possui autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

2

2. Iniciando a discussão sobre modelos educacionais da EaD

Na cibercultura, os atores da comunicação tendem à interatividade e não mais à separação da emissão e recepção própria da mídia unidirecional de massa. Para posicionar-se nesse contexto e aí educar, os professores precisarão operar com o hipertexto, isto é, trabalhar com o contexto não-sequencial, com a montagem de conexões em rede, o que permite uma multiplicidade de recorrências entendidas como conectividade, diálogo e participação colaborativa. Eles precisarão compreender que de meros disparadores de lições-padrão deverão se converter em formuladores de interrogações, coordenadores de equipes de trabalhos e sistematizadores de experiências em interfaces online desenvolvidas para contemplar a interatividade e não a unidirecionalidade (SILVA, 2006, p. 17).

Alguns estudos como os de Almeida e Valente (2012); Almeida e Silva (2011); Almeida e Assis (2011) estudam a EaD na formação de professores e auxiliarão no estudo aqui proposto, pois foram desenvolvidos em diferentes situações de formação de professores e apontam resultados satisfatórios na formação de professores que se desenvolve mediada pela EaD, desde a exploração da comunicação multidirecional síncrona e assíncrona até a representação do pensamento dos participantes.

Sob o nome genérico de Educação a Distância (EaD) se apresentam as mais diversas ações que visam o oferecimento de oportunidades de aprendizagem em que professores e alunos se encontram em locais diversos, mediados por algum tipo suporte das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC). Esta é a base sob a qual, inclusive, se apresenta o conceito oficial de EaD na legislação brasileira, via Ministério da Educação (MEC).

A amplitude que é englobada oficialmente pela EaD reflete na definição dos modelos educacionais que orientam a sua implantação e ação. A escolha desses modelos não é feita ao acaso. Eles dependem das concepções pedagógicas e organizacionais das instituições em que serão desenvolvidos. Dependem também dos contextos, das condições sociais, econômicas e tecnológicas em que serão implementados e para as quais serão desenvolvidos.

Conforme afirma Kenski (2013) há que se refletir de modo particular sobre os modelos educacionais específicos que exigem mudanças paradigmáticas na educação, em virtude das TDIC.

Para Behar (2007, p. 4):

Entende-se que, assim, será possível subsidiar a consolidação de novos modelos, com pilares bem estruturados nos âmbitos epistemológicos, pedagógicos, organizacionais, tecnológicos e metodológicos. Logo, está se falando de uma possível mudança paradigmática e, com isso, a emergência de um novo Modelo Pedagógico.

A mudança de paradigma provocada pela EaD, a que Behar (2007) se refere, corresponde às novas maneiras de aprender possibilitadas pelo uso mais intensivo das TDIC nos espaços educacionais a distância.

Diante dessa perspectiva, podemos afirmar que a EaD transforma o perfil da formação em nível superior e isso se reflete nos papéis e ações de todos os envolvidos no processo, alterando os tempos de ensinar e aprender, os espaços físicos e virtuais em que as ações ocorrem e as formas de interação e comunicação.

É exatamente sobre esta “mudança paradigmática” provocada pelo uso das TDIC que resultam na EaD e nos novos modelos educacionais que a embasam que pesquisamos no curso de Pedagogia da UNESP de Bauru.

Para isto, no entanto, identificaremos os princípios que baseiam o que consideramos como “modelos educacionais em EaD” o que não é uma reflexão simples e nem consensual e que não nos cabe fazer nesse momento, pois conforme Kenski (2013) afirma, há significativas diferenças entre “modelos educacionais” e “modelos pedagógicos” em EaD.

Na perspectiva apresentada pelo professor Moran (2009), a ênfase que designa cada modelo é dada de acordo com o tipo de tecnologia predominante em que se dá o desenvolvimento dos eventos educacionais oferecidos à distância.

Bem próximos dos modelos apresentados por Moran, para Vianey (2008), a EaD no Brasil, de 1994 até hoje, se desenvolveu a partir de cinco modelos variados. O autor ainda discute a ameaça de se implantar um modelo único de EaD no Brasil. Para isto, recupera as informações apresentadas nos estudos consolidados pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) na época e que registram modelos diversos de EaD em operação com qualidade.

Os relatórios produzidos pelo Ministério da Educação, desde o ano de 1998 – para se proceder ao Credenciamento de instituições de ensino superior para a oferta de EaD – registram um amplo e variado painel brasileiro de modelos de EaD, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Assim, podemos afirmar que não há atualmente um modelo único de EaD.

A interdependência entre a EaD e as TDIC resulta no surgimento amplo de novos modelos educacionais a todo instante. Podemos dizer que existem tantos novos modelos quanto os novos aplicativos (Apps) utilizados em espaços educacionais online, à distância. O crescimento acelerado dos sistemas à distância representa o quanto essa se apresenta como solução para suprir as necessidades educacionais da nossa época. A liberdade de aprender de acordo com o próprio ritmo e conveniência, a qualquer tempo e qualquer lugar, são características que fazem da EaD uma escolha natural para quem deseja aprender, mas não tem tempo para dispender em projetos presenciais mais tradicionais. Assim, surgem os desafios das mídias móveis (*tablets* e *smartphones*, por exemplo), ao lado de usos de recursos educacionais abertos (REA); dos cursos tridimensionais em mundos virtuais; dos games (com enorme gama de tipos diferentes); além dos cursos massivos, para centenas de milhares de alunos em todo o mundo.

Além disso, os ambientes *online* favorecem aos estudantes o desencadeamento de ações educacionais em rede, em que exploram plenamente o ciberespaço, de forma livre e flexível, para aprender, ensinar e trocar informações e experiências com os seus pares.

Falar sobre formação de professores e EaD exige cuidado, pois é um assunto polêmico e que tem gerado na academia discussões sobre seus aspectos positivos e negativos.

Não há como negar que vivemos num processo de evolução constante e que as tecnologias proporcionaram ao homem a sistematização, organização e diversificação das informações, assim a comunicação proporcionou a capacidade de promover grandes avanços, pois com a troca de mensagens e conseqüentemente com a troca de experiência, grandes descobertas foram realizadas (LEVY, 1996).

As TDIC permitem a interação num processo contínuo, rico e insuperável que disponibiliza a construção criativa e o aprimoramento constante num movimento de novos aperfeiçoamentos. Podemos afirmar, portanto, que "o mais incrível, no entanto, é a maneira em que a era digital transformou o modo como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras e com o mundo que as cerca" (PALFREY e GASSER, 2011, p. 13).

Será que a formação de professores vem acompanhando o ritmo do progresso das TDIC? Tal questionamento nos faz refletir sobre novos redimensionamentos nesses processos: formar professores para o cenário atual, conforme aponta Pesce (2011).

Para Barros (2009, p. 62), o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem é considerado complexo e exige dos professores habilidades e competências diferenciadas. “Além de competências técnicas, exige também as competências pedagógicas, as mais importantes para a gestão das tecnologias para o ensino”.

Diante desse cenário, a discussão sobre formação de professores não pode ficar alheia às possibilidades de construção de uma nova organização curricular, didática e pedagógica, enriquecida pelas possibilidades da cibercultura.

Gatti, Barretto e André (2011), afirma que “as novas condições de permeabilidade social das mídias e da informática, dos meios de comunicação e das redes de relações – presenciais ou virtuais”, alteram o processo de formação de professores.

Nas palavras de Almeida e Prado (2006, p. 51):

Com a integração das tecnologias e mídias na prática pedagógica se evidencia a importância de o professor compreender os processos de gestão da sala de aula, no que se refere ao ensino, à aprendizagem e às estratégias que desenvolve, na criação de situações que favoreçam ao aluno integrar significativamente os recursos das tecnologias e mídias, como forma de trabalhar a busca de informação, a pesquisa, o registro, as novas linguagens de expressão do pensamento, comunicação e produção do conhecimento.

Sabemos que integrar as TDIC na formação de professores esbarra ainda em atitudes resistentes e preconceituosas, porém Valente (2003) afirma que tal situação só poderá se enfrentada se os processos de formação docente forem alterados, de modo a integrar saberes e práticas diante das TDIC em vista às necessidades da sociedade contemporânea.

Para Patto (2013, p. 307) a EaD exige um aluno com algumas características discrepantes da nossa realidade, são elas “motivado a competir; *disciplinado* (capaz de evitar dispersão e de cumprir horários); *organizado* (apto a dividir o tempo entre o estudo e os horários de atividades *on-line*); e *disposto* a ler textos virtuais ou apostilados”, cabendo ao aluno adequar-se.

Nessa mesma direção, Valente (2003) afirma que há necessidade de integrar a informática nas atividades pedagógicas e, portanto, na prática docente. Esse processo articula o saber e prática docente ao uso das tecnologias, sendo essencial em virtude das necessidades da sociedade contemporânea.

Sabemos que, infelizmente, a EaD ainda sofre com a falta de credibilidade e preconceito, por parte de alguns, que acreditam que toda EaD é aligeirada de teoria e fraca em conteúdo.

3. Características do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru SP

O estudo realizado por Valdemarin (2009) apontou que dentre os cursos de Pedagogia da UNESP (Araraquara, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto) o único que apresenta disciplinas relacionadas às tecnologias é o de Bauru.

Conforme afirma Valdemarin (2009, p. 23), após estudar os Projetos Pedagógicos dos cursos de Pedagogia da UNESP, foi verificado que embora todos os cursos obedeçam a mesma legislação, a organização curricular de cada um apresenta singularidades. Assim, o curso de Pedagogia de Bauru SP, iniciado em 2002, e dentre os demais, é o único que se distingue pela presença de disciplinas que trabalham com a questão das tecnologias. “O curso de Bauru distingue-se pela presença em sua organização das disciplinas: Educação e Tecnologia; Recursos Tecnológicos aplicados à educação [...]”.

O documento aponta ainda que as disciplinas de tecnologias não constam em nenhum bloco (Fundamentos da Educação e Conteúdos de Ensino da Escola Primária; Gestão Educacional; Estágios Supervisionados; Metodologia da Pesquisa ou Pesquisa em Educação), ficando seus conteúdos pulverizados nas práticas de ensino e na didática.

Após estudarmos esse documento em Assembléia de docentes do curso, iniciamos uma discussão sobre o processo de reestruturação. Durante os anos de 2011 e 2012, foram realizadas várias reuniões para elaboração de uma nova organização curricular do curso. Essas reuniões, algumas vezes na eram exclusivas para esse fim, mas sempre havia alguma discussão dessa natureza: como incorporar a EaD num curso presencial.

Ao analisar as Atas dessas reuniões ficou evidente o repúdio da maioria dos docentes pela EaD e a proposta dessa nova organização curricular exclui as disciplinas apontadas pelo estudo de Valdemarin (2009) como diferenciadores do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru.

O total de carga horária de disciplinas de atividades formativas é de 2958 horas. O total de carga horária de disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado é de 306 horas. O total de carga horária de atividades teórico-práticas é de 100 horas. O total da carga horária do curso é de 3364 horas. O período é noturno. A duração mínima do curso é de 4 anos. O número de vagas é 40. O tempo mínimo de integralização da carga horária é de 4 anos e o tempo máximo de 7 anos. As disciplinas são oferecidas semestralmente. Os créditos e carga horária das disciplinas são: 2 carga horária – 2h/aula semanais – 34 horas e 4 carga horária – 4h/aula semanais – 68 horas.

Além das disciplinas que compõem a organização curricular do curso como obrigatórias, o aluno deve cursar 3 disciplinas optativas, sendo estas oferecidas durante o curso.

Apresentamos na Tabela 1 a atual organização curricular do referido curso.

Tabela 1. Organização curricular do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru

1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Psicologia da Educação I	Expressão Oral e Escrita na Educação Infantil	Avaliação da aprendizagem	Conteúdos e Metodologia do ensino de Educação Física
Filosofia da Educação I	Natureza e Sociedade na Educação Infantil	Conteúdos e Metodologia do ensino de História	Administração e Supervisão Escolar
História da Educação	Matemática na Educação Infantil	Conteúdos e Metodologia do ensino de Matemática	Ética e Profissionalização Docente
Sociologia da Educação	Arte na Educação Infantil	Conteúdos e Metodologias do Ensino de Artes	Trabalho de Conclusão de Curso I
Práticas de Leitura e produção de texto	Política Educacional e Legislação de Ensino	Metodologia da Pesquisa em Educação I	Prática de Ensino: Currículos e Programas
Prática de Ensino: Bases teóricas da educação como ciência		Prática de ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	Estágio Curricular de Prática de Ensino em Gestão Escolar
Psicologia da Educação II	Prática de Ensino: A	Estágio Curricular de	Educação Inclusiva

	Didática na <i>praxis</i> pedagógica	Prática de Ensino na Educação Infantil	
Filosofia da Educação II	Alfabetização nos anos Iniciais do Ensino Fundamental	Conteúdos e Metodologia do ensino de Geografia	Introdução ao ensino da Língua Brasileira de Sinais
História da Educação Brasileira	Conteúdos e Metodologia do ensino de Língua Portuguesa	Recursos Tecnológicos Aplicados a Educação	Lúdico e Literatura Infantil
Educação e Tecnologia	Unidades e Sistemas escolares: Planejamento, Organização e Gestão	Conteúdos e Metodologia do ensino de Ciências	Trabalho de Conclusão de Curso I
Políticas Públicas para a Infância e Adolescência	Texto e Imagem	Alfabetização de Jovens e Adultos	Prática de Ensino: processo grupal e liderança na escola
Prática de Ensino: A Pedagogia como Ciência da Educação	Jogos e Brincadeiras no contexto escolar	Metodologia da Pesquisa em Educação II	
	Introdução a Pesquisa Educacional: Abordagem Quantitativa	Prática de Ensino e a Coordenação Pedagógica	
	Prática de Ensino na Educação Infantil	Estágio Curricular de Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	

Fonte: Autoria própria.

4. Os dados: análises e discussões

Os dados aqui apresentados e discutidos apoiaram-se na realização de uma pesquisa teórica e empírica de base qualitativa com base nos documentos oficiais do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru (Projeto Pedagógico de Curso e Atas das Reuniões de Conselho de Curso). Além desses materiais, utilizamos também as avaliações de Conselho de Termo realizadas pelos alunos no ano de 2013.

A pesquisa empírica de base qualitativa associada à análise documental e bibliográfica nos pareceu ser a mais importante forma de obtenção de dados para atingir os objetivos gerais e específicos definidos para esta pesquisa. Na definição da metodologia da pesquisa nos apoiamos em Gil (1987), Lüdke e André (1986), Brandão (2000) e Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001).

Ao estudarmos o Projeto Pedagógico do Curso, selecionamos alguns pontos que merecem destaque:

- Não há menção sobre a EaD.
- Não há menção sobre os modelos pedagógicos da EaD.

Assim, conforme afirmam Gatti e Barreto (2009) não pretendemos de forma alguma aligeirar a formação docente, fomentando a abertura de cursos à distância sem fundamento, apenas gostaríamos que a EaD pudesse ser compreendida como aliada do processo de ensino e aprendizagem, em virtude das suas inúmeras possibilidades de exploração.

Nas Atas das reuniões dos anos de 2011 e 2012, destacamos que:

- Alguns professores sempre realizavam críticas em relação a EaD e o aligeiramento do ensino público.
- Alguns professores reafirmavam o repúdio a EaD.
- Foram realizadas várias discussões tendo a EaD como tema central, as quais sempre foram destacados os aspectos negativos dessa modalidade de ensino.
- As propostas de projetos e convênios que continham a EaD foram negadas.
- Foram criticados os professores que atuaram ou ofereceram cursos em EaD.

Desta forma, podemos afirmar que há, dentre alguns docentes (a maioria segundo as Atas), repúdio em relação a EaD, desconsiderando seus aspectos positivos e possibilidade de proporcionar novas formas de ensinar e aprender.

As avaliações do Conselho de Termo ocorrem semestralmente e as disciplinas são avaliadas pelos alunos conforme modelo oferecido pela coordenação de curso. Entretanto, as respostas são abertas e os alunos dissertam por vários aspectos. O Conselho de Termo ocorre sempre no final de cada semestre, sendo que no ano de 2013, analisamos as respostas dos alunos para as disciplinas do primeiro e segundo semestres, as quais apontaram que:

- Apenas uma professora utiliza a EaD em suas disciplinas (“Educação e Tecnologia” e “Recursos Tecnológicos Aplicados à Educação”).
- Vários alunos apontaram como positiva a experiência com o uso da EaD.
- Todos os professores encaminham trabalhos ou atividades aos alunos por e-mail.
- Alguns professores solicitam entrega de trabalhos por e-mail.
- Vários professores usam as redes sociais para comunicar recados ou lembretes.
- Alguns professores realizaram críticas em relação a EaD em sala de aula, mesmo não sendo está conteúdo ou pauta de discussão.

Portanto, diante desse agrupamento de respostas dos alunos, consideramos que conforme Moran (2009) apresenta o modelo é dado de acordo com o tipo de tecnologia predominante, ou seja, no caso o modelo Web, com atividades assíncronas.

Já para Vianney (2008), dentre os cinco modelos variados, nesse caso não encontramos diante da prática dos docentes nenhum modelo que se enquadre.

Para Mill (2002) os modelos educacionais em EaD estão relacionados com os modelos institucionais, sendo estes: autônomo, misto e em rede. No caso em estudo o modelo que se enquadra é o misto, no qual há o desenvolvimento de ações em EaD que se aproveitam da estrutura da instituição.

Morgado (2013) apresenta os modelos a partir de três variáveis: meios, professor e aluno. Conforme o estudado nos documentos, o modelo que predomina nesse curso é o centrado no professor, o qual procura absorver algumas facilidades e vantagens das tecnologias, mas ainda se inscreve numa abordagem tradicional de EaD, adotando estratégias tradicionais de ensino, mediatizadas por uma ferramenta tecnológica.

Diante do exposto, podemos constatar que os professores do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru utilizam-se dos modelos pedagógicos da EaD intuitivamente na sua prática pedagógica, porém de modo rudimentar sem aproveitar as possibilidades que a EaD pode oferecer.

Tal constatação nos remete a proposta de uma nova discussão no Conselho de Curso de modo a instrumentalizar os docentes sobre os modelos educacionais da EaD e revisão da

nova proposta de organização curricular do curso, bem como do seu Projeto Pedagógico, considerando que a EaD articula-se transversalmente com as várias disciplinas oferecidas.

5. Considerações finais

A proposta de pesquisa foi viável pela necessidade de investigação sobre a EaD na formação de professores, num curso presencial; pela possibilidade de se identificar aspectos importantes para a inserção e desenvolvimento de ações relacionadas à formação de professores numa perspectiva de novas competências pedagógicas desenvolvidas por meio da EaD; pela possibilidade de se pensar no processo de reestruturação do curso de Pedagogia da UNESP de Bauru.

Portanto, pela compreensão deste fenômeno tão complexo e sensível, contribuindo para a discussão de um tema ainda difícil e moroso. A complexidade do impacto das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação na educação nos possibilita a investigação da aplicabilidade desses recursos na formação de professores, especificamente no caso da Universidade pública; compreendendo desde o conceito de tecnologia até seu uso para a produção de conhecimento. Tal perspectiva perpassa necessariamente pelo processo de formação docente.

Acreditamos que estudos dessa natureza contribuem para reflexão da articulação necessária entre as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação na formação inicial de professores no contexto da sociedade contemporânea.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. de; ASSIS, M. P. Integração da Web 2.0 ao Currículo: A Geração Web Currículo. **laeduc@ción revista digital.**, v.145, p.1 - 24, 2011. Disponível em: http://www.educoea.org/portal/La_Educacion_Digital/145/articles/ART_bianconcini_ES.pdf. Acesso em 30 de maio de 2012.

ALMEIDA, M. E. B. de; PRADO, M. E. B. I importância da gestão nos projetos de EaD. In: Debates: Mídias na Educação. **Cadernos "Salto para o Futuro"**. Boletim 24, Brasília: Secretaria de Educação a Distância, novembro/dezembro 2006. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/175900Midiaeducacao.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

ALMEIDA, M. E. B. de; SILVA, M. G. M. Currículo, Tecnologia e Cultura Digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-Curriculum** (PUCSP). , v.7, p.1 - 19, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/5676/4002>. Acesso em 26 de abril de 2012.

ALMEIDA, M. E. B. de; VALENTE, J. A. Integração Currículo e Tecnologias e a Produção de Narrativas Digitais. **Currículo sem Fronteiras.** , v.12, p.57 - 82, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/almeida-valente.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2013.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

BARROS, D. M. V. **Guia didático sobre as tecnologias da comunicação e informação:** material para o trabalho educativo na formação docente. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

BEHAR, P. A. **Modelos Pedagógicos em Educação a Distância.** Disponível em http://www.nuted.ufrgs.br/objetos_de_aprendizagem/2007/arqueads/apoio/modelospedagogicos.pdf. Acesso em 12 de março de 2014.

BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 171-183.

COSTA, F. A.; FRADÃO, S. Desafios e competências do e-formador. In: BUTTENTUIT JÚNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. (orgs). **Educação online:** conceitos, metodologias, ferramentas e aplicações. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 27-39.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. de S.; ANDRÉ, M. E. D. de A. **Políticas docentes no Brasil:** um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2011. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002121/212183por.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2012.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1987.

KENSKI, V. **Modelos Educacionais em EaD.** Ribeirão Preto SP: USP [2013] (Mimeo). Apostila elaborada para o curso de especialização em Gestão e Inovação em EaD – USP.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas – São Paulo: EPU, 1986.

MILL, Daniel *et al.* **Gestão da educação a distância (ead):** noções sobre planejamento, organização, direção e controle da EAD. Disponível em http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/daniel_mill_e_outros.pdf. Acesso em 08 de setembro de 2013.

MORAN, J. M. Modelos e Avaliação do Ensino superior a distância no Brasil. **Revista Educação Temática Digital.** Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, v.10, n.2, 2009. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2004/1833>. Acesso em 08 de setembro de 2013.

MORGADO, Lina. **O papel do professor em contextos de ensino online: problemas e virtualidades.** Disponível em: <http://www.univ-ab.pt/~lmorgado/Documentos/tutoria.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais.** Porto Alegre: ARTMED, 2011.

PATTO, M. H. S. O ensino a distância e a falência da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 303-318, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n2/a02v39n2.pdf>. Acesso em 05 de novembro de 2013.

PESCE, L. EAD: antes de depois da cibercultura. In: Cibercultura: o que muda na educação. Ano XXI. Boletim 03 – **Salto para o futuro**. Abril, 2011, pp.11-15. Disponível em <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/212448cibercultura.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2012.

SILVA, M. **A pesquisa e a cibercultura como fundamentos para a docência online.** In: Debates: mídias na educação. Boletim 24 – Salto para o futuro. Novembro/Dezembro, 2006, p. 17-23. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/212448cibercultura.pdf>. Acesso em 05 de novembro de 2013.

VALDEMARIN, V. T. **Análise dos cursos de Pedagogia da UNESP.** São Paulo: Prograd – UNESP [2009]. (Mimeo).

VALENTE, J. A. (Org.). **Formação de educadores para o uso da informática na escola.** Campinas: UNICAMP, 2003. Disponível em: <http://www.nied.unicamp.br/oea/pub/livro4/>. Acesso em: Acesso em: 15 de maio de 2011.

VIANNEY, J. A ameaça de um modelo único para Ead no Brasil. **Colabor@ - Revista Digital da CVA-RICESU**, vol. 5 – nº 17, julho 2008. Disponível em <http://www.ricesu.com.br/colabora/n17/index1.htm>. Acesso em 08 de setembro de 2013.